

Família Barboza:

As primeiras manifestações de efeitos físicos no Amazonas

Santa Maria Oliveira Melo <santamelo31@gmail.com>
Edson César Cunha de Oliveira <edson.cesar@faknet.org.br>

Fundação Allan Kardec – FAK

Resumo – As manifestações dos Espíritos através de fenômenos de efeitos físicos registradas no Amazonas, na Freguesia de Moura, no final do século XIX, constam do relato pessoal de Antonio José Barboza. Foram denominadas por ele de “Facto Misterioso”. Ganhou notoriedade no Jornal Diário de Belém, transcrito pela revista “Reformador”, dois anos após a ocorrência dos fatos. Entendemos que essas informações são de caráter relevante no surgimento do Espiritismo em terras amazônicas, por apresentar os primeiros registros sobre a atuação dos Espíritos nesta região, o que favoreceu a elaboração deste artigo. Este trabalho tem como objetivos ressaltar os registros das manifestações dos Espíritos através de fenômenos de efeitos físicos ocorridos em Moura, apresentar Antonio José Barboza e evidenciar os desafios vivenciados pela família Barboza.

Palavras-chave – Manifestações dos Espíritos. Efeitos físicos. Freguesia de Moura.

Submetido em 15/09/2023
Aprovado em 20/12/2024

1. INTRODUÇÃO

As memoráveis manifestações dos Espíritos que aconteceram durante a vinda do Espiritismo ao planeta Terra, através de fenômenos de efeitos físicos, tais como arremessos de pedras, com algumas aumentando de tamanho, torrões de barro, punhados de terra, barro misturado com capim, barro nas cores preto e vermelho, pancadas na parede, deslocamento de cadeiras, aparição de vulto masculino, também foram registradas no Amazonas, na residência da família do Tenente Antonio José Barboza, nos anos de 1882-1884 [1]. Apesar de memorável, é importante destacar que manifestações desse tipo de fenômenos mediúnicos vêm ocorrendo na humanidade desde tempos imemoriais.

As manifestações observadas pelo Tenente Barboza foram testemunhadas por diversos moradores do vilarejo denominado Freguesia de Moura, localizado na margem direita do Rio Negro,

distante de Manaus há pouco mais de 300 km por via fluvial. Dessa forma, através de muitas testemunhas, tais manifestações foram tendo cada vez mais notoriedade naquela região, ganhando por fim uma divulgação através de um artigo no Jornal “Diário de Belém”, no estado do Pará. Posteriormente, esse artigo foi transcrito na Revista Reformador, órgão de divulgação da Federação Espírita Brasileira, de 15 de junho de 1884, p. 4-5, com o título “Facto Mysteroso”.

Este trabalho tem como objetivos ressaltar os registros das manifestações dos Espíritos, através de fenômenos de efeitos físicos ocorridos em Moura; apresentar Antonio José Barboza e evidenciar os desafios vivenciados pela família Barboza. Para elaboração deste artigo, utilizou-se como base de consulta a Revista Reformador, livros de historiadores locais e artigos publicados em simpósios anteriores no âmbito da Fundação Allan Kardec-FAK/AM.

1.1. FREGUESIA DE MOURA

Os missionários carmelitas, de acordo com Barbosa Rodrigues [2], fundaram em 1695 uma missão (povoado), quando entraram no rio Negro, na margem direita do rio Uarirá, tendo como padroeira Santa Rita de Cassia. Depois, segundo Jobim [3], a mesma foi trasladada para local pouco acima do povoado de Moreira, sendo mais tarde transferida para Itarendaua¹, onde ficou conhecida por este nome ou pelo nome de Santa Rita da Pedreira.

A missão Itarendaua foi elevada a categoria de vila em 2 de novembro de 1758, pelo Capitão-General Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Governador do Grão Pará e Maranhão, que realizou pessoalmente a cerimônia de elevação, crismando-a de Moura [3], baseando em nome de uma das vilas da Casa dos Braganças em Portugal [4]. Tal alteração de nome foi um ato da reforma urbana, parte integrante do projeto para civilizar a Amazônia, com ideologia baseada no discurso reformador do Marques de Pombal, conforme Rezende [4] nos explica...

Determinava-se que fossem substituídos os nomes bárbaros dos aldeamentos, renomeando-os por outros de origem portuguesa, sendo conveniente também que os índios perdessem seus nomes pagãos para que pudessem ser distinguidos uns dos outros como vassalos obedientes às ordens régias.

Mendonça Furtado decidiu então, em ato de elogio intencional ao poder do Rei, renomear todas as povoações da Amazônia com os nomes das vilas da Casa dos Braganças. O que estava, de fato, realizando, era a execução do projeto de criar povoações civis em oposição ao que até então existia, os aldeamentos controlados pelos religiosos.

Dez anos depois, em 1768, a população de Moura começou a mesclar-se com os índios de diversas etnias, tais como os Aruaquys, Junás e Cericanás ou Crichanás que haviam fugido da perseguição e ferocidade dos Muras, seguidos pelos Manaós que também se refugiaram em Moura. Mais tarde, em 1775, com a pacificação dos Muras, o governador João Pereira Caldas mandou também à Moura uma parte dos Muras [5]. Desse modo, a freguesia² de Moura floresceu unindo diversas nações indígenas, como nos conta João Barbosa Rodrigues:

Esta reunião de diferentes nações, todas dirigidas por habéis catechistas e com vistas civilladoras e progressistas, fez com que em 1789 fosse a freguezia de Moura, por assim dizer, não só o jardim, como o celleiro do rio Negro. A lavoura e a industria

¹ Itarendaua: nome indígena; *Ita*, pedra; *endab* ou *endaui*, sítio; isto é sítio das pedras [2]

² Freguesia: distrito de uma paróquia; pequena povoação; clientela, grupo de compradores. Freguesia é sinônimo de: paróquia, clientela. Fonte: <https://www.dicio.com.br/freguesia/>. Acessado em: 04/07/2023.

caminhavam ufanos, uma apoiando-se em suas fazendas, em seus cacoeiros, em seus cafezais, outra firme se encostava no gado, nas fabricas de anil, de tecidos de algodão, de palha, fabrico de cordas e de cuia pintadas. Sua população era de 1.200 almas distribuidas em 280 fogos que occupavam uma bella praça e tres ruas sombreadas por linhas de laranjeiras. [5]

Porém, a decadência não tardou a chegar em Moura devido aos abusos dos governantes seguintes sobre os indígenas, sendo obrigados a trabalhos forçados...

O golpe mais forte, porém, que recebeu e abriu-lhe a estrada da ruina foi dado pelo chefe de divisão José Joaquim Victoria da Costa, logo depois de ter empunhado as redes do governo da capitania do rio Negro.

Descendo de Barcellos para Barra, prohibiu que os indios servissem a particulares, e empregou à força e sem salario mais da terça parte da população nos trabalhos de sua chacara no Tarumá, e na de seus genros Francisco Ricardo Zany, José Simplicio e Marcello.

Os indios de ambo os sexos eram obrigados a trabalhar seis mezes sem salario, em turnas de 800 individuos, tirados de todas as povoações e das tripolações das canoas, principalmente das de Moura, o que os obrigava a abandonar a lavoura e a fugir para o Pará. Além disso impoz, em 1808, fintas de farinha que eram tiradas de cada tres alqueires. Tudo isso fazia com que fugissem do serviço, e, ainda mais, dos castigos a que estavam sujeitos. [6]

Não é de estranhar que nas décadas seguintes, o revide violento dos povos indígenas, que segundo Barbosa [8], a partir de 1856, *“levaram os indios a abrir luta sem trégua por espaço de quasi 30 annos”*, chegando a tomar a Freguesia de Moura em 12 de janeiro de 1873. Relata Jobim [7] que os indios *“viviam em constantes emboscadas contra os brancos e estes contra os indios, chegando ao ponto de invadirem três vezes a vila de Moura”*, e que *“o silvícola criara um complexo de ódio ao civilizado de tal ordem que o não tolerava; qualquer que fôsse encontrado nas praias, pescando, ou entretido em outra occupação, era fatalmente morto”*.

Tal *“perseguição aos indios e a reação violenta dos bárbaros tornaram-se um problema para o govêrno, que, por vezes, teve que mandar forças para o [rio] Jauaperi”* [7], onde encontravam-se as tribos Crichanãs ou Uaimiris, tidas como responsáveis por ataques à vila de Moura, completa Jobim. Antonio José Barboza chega à Vila de Moura, encontrando este cenário de conflitos sangrentos.

2. A FAMÍLIA BARBOZA E AS MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS

2.1. CHEGADA DE ANTONIO JOSÉ BARBOZA À MANAUS

Antonio José Barboza, 2º Tenente, desembarcou em Manaus, por volta do ano de 1879, transferido pelo Exército Brasileiro, *“passando a residir em Moura, provavelmente em janeiro deste mesmo ano”*, segundo informa Lenara Nunes [9]. Após três anos, em 1882, servindo ao Exército em diversas localidades, foi transferido novamente para o vilarejo de Freguesia de Moura. Sua transferência teve como missão: *“garantir a vila das agressões dos indios Jauapery, que trazia sempre sobressalto aos habitantes desse povoado”* [9].

Na Freguesia de Moura, residiu acompanhado da família, composta por ele, a esposa, senhora Gervásia Dias Barboza, e seus quatro filhos menores, além de um casal de trabalhadores domésticos. Porém, inicialmente residiram na casa de outra família moradora na mesma localidade, enquanto

aguardavam a conclusão da reforma do imóvel no qual haveriam de morar. Após a conclusão da obra de reforma da casa, a família Barboza, por fim, fixou residência neste vilarejo.

2.2. INÍCIO DAS MANIFESTAÇÕES DE EFEITOS FÍSICOS

As crianças passaram a comentar que, nessa nova moradia, estavam sendo alvo de apedrejamento. Pequenos objetos eram atirados sobre elas, sempre ao entardecer. Ao ser comunicado sobre tal ocorrência, Barboza não tomou providência, por julgar ser travessura de criança, ou que alguém de casa as incomodava simplesmente com o intuito de *“intimidá-las”*.

Sua esposa, após alguns dias, o procurou solicitando-lhe providências para o caso; todavia, ele, ainda assim, não deu importância ao que lhe era relatado. Tempo depois, ao mencionar o fato nos registros realizados pelo Jornal “Diário de Belém”, procurou justificar essa indiferença fazendo o seguinte comentário: *“não acreditei e nem me passava pela mente algum efeito sobrenatural”*. Ao se referir ao *“sobrenatural”*, reconhece que algo estranho, estava ocorrendo com seus filhos.

A família, provavelmente de formação católica, encontrava dificuldade em entender o significado desse fenômeno *“sobrenatural”*. Podemos deduzir que essa dificuldade advinha do fato da família não ter conhecimento sobre o Espiritismo, especialmente sobre os processos das manifestações espirituais [2], conforme narrativa de Barboza ao jornal Diário de Belém: *“[...] nunca fui espírita e nem sequer li tratado algum sobre tão transcendente assunto”*.

Como os eventos não cessavam, Antonio Barboza tomou a iniciativa de investigar e buscar solução para o caso, passando a registrar o processo das investidas vivenciadas pela família. Entendemos que essas informações são de caráter relevantes no surgimento do Espiritismo em Terras amazônicas, por apresentar os primeiros registros sobre a atuação dos Espíritos nesta região. O que favoreceu a elaboração deste artigo.

2.3. IMPORTUNAÇÃO DE CARÁTER COLETIVO

Pouco tempo depois, além das crianças, o casal de trabalhadores auxiliares do lar passou a se queixar da mesma importunação.

Antonio Barboza, apreensivo com a impertinência do fato, tomou as seguintes ações para investigar a causa. Primeiramente passou a guardar o material que era arremessado sobre as pessoas, para no dia seguinte examiná-lo. Depois, nominou o arremessador de *“ágil apedrejador”*. Após isso, observou que os arremessos principiavam às seis horas da tarde às nove horas da noite. Por fim, constatou que somente conseguiam ter uma noite de descanso, após a família proferir uma prece, quando então, cessavam os arremessos de objetos.

Após constatar as ações programadas do *“ágil apedrejador”*, ressaltou Barboza: *“não deixava de empregar todos os meus esforços, rondava os corredores da casa, armado, dava tiros, não obstante ver o objeto que se atirava”*. Observou que esses objetos eram arremessados com pouca força, não atingindo ninguém.

Analisando essa conduta de Antonio Barboza, entendemos ser uma das formas encontradas por ele, para proteger seus familiares diante daquelas circunstâncias, que se estenderam por meses.

Desencorajado por não conseguir deter as investidas do *“ágil apedrejador”*, desabafou: *“sem poder acreditar na existência do sobrenatural, tão contrário as minhas ideias”*. Nesse comentário parece entender que a existência do sobrenatural seria a derrogação de uma das leis da Natureza, e talvez não concordasse com esse entendimento. Relutava intimamente em aceitar que estava diante de

um fenômeno mediúnico por ele denominado “sobrenatural”. Diante de tais manifestações, resolveu fechar as portas da casa logo ao entardecer, colocou mais luz nos ambientes e reuniu a família em um só cômodo. Entretanto, o lançamento dos objetos não cessou, pedras e torrões de barro eram lançados de todas as direções, *“vendo-se distintamente de onde partiam”*.

2.4. CONVITE AOS MORADORES DO VILAREJO

Temendo ser taxado de mentiroso, resolveu sair convidando os moradores daquela localidade, para presenciarem a produção dos fenômenos que ocorriam em sua residência. Entre os convidados estavam: Antonio de Oliveira Horta, Camilo Gonçalves de Oliveira Mello, Manuel Alves de Mello, Manuel Antonio de Araujo e Joaquim Nolasco de Oliveira, testemunhas oculares dessas manifestações espirituais.

Ao receber os convidados, recomendava *“a todos que prestassem toda a atenção”*, solicitando que percorressem a casa, talvez na tentativa de descobrir alguma pessoa que ali estivesse escondida. Em seguida, todos se sentavam e como se houvesse um prévio planejamento, logo começavam os arremessos de torrões de barro e punhados de terra, que surgiam de diversos lugares, mesmo estando a casa fechada. Por três vezes, ele vasculhou a casa, mas mesmo assim *“nada perturbava o ágil apedrejador, antes pelo contrário, como que se incomodava por ver tanta gente reunida”*, assim comentou Barboza.

2.5. INTENSIFICAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS

Diante de tais circunstâncias, planejava mudar de casa, devido a fragilidade emocional da esposa (medo, ataques nervosos) e das crianças que viviam atemorizadas pela perseguição sofrida. Nesse ínterim, buscou auxílio junto a uma família, que permitiu que eles passassem a pernoitar com eles. Porém ao retornarem para casa às 6h da manhã, do dia seguinte, diariamente eram recepcionados a pedradas.

No decorrer de um certo dia, Antonio Barboza procurava descansar, deitando-se em uma rede, mas quando ia fechando os olhos, uma coisa sutilmente era introduzida entre *“a cabeça e o punho da rede”*. Passando rapidamente a mão no lugar, apanhava torrões de barro, então pensava: *“nem sequer de dia me deixam repousar”*. Em seguida, sentou-se em uma cadeira e começou a ouvir pancadas no teto e viu quando uma pedra era lançada em sua direção, caindo-lhe aos pés, isso instaurou um verdadeiro duelo entre ele e o *“ágil apedrejador”*. De vez que ao devolver as pedras, essas, eram lhe atiradas de volta, levando Barboza a registrar: *“como quem consigo dizia: uma vez que vocês não dormem mais aqui, mesmo de dia os perseguirei até mudarem-se”*.

Entendendo que o *“ágil apedrejador”* almejava que a família mudasse de endereço, em poucos dias, ocupavam uma nova moradia no mesmo vilarejo. Relatando: *“Deixando em Moura minha família por julgar que nada mais sofresse”*. Partiu para Manaus, levando em sua companhia seu auxiliar nos trabalhos doméstico.

2.6. PESSOAS SUSPEITAS DE ATIRAREM AS PEDRAS

Antonio Barboza ainda não estava completamente convencido de que essas manifestações fossem de origem “sobrenatural”, como chegou a registrar em seu relato, supondo que seus auxiliares ou outros moradores poderiam ser os responsáveis pelo lançamento dos objetos.

Alguém de quem suspeitava era Germano Azevedo, morador naquele vilarejo. Isso porque, em uma única vez o viu passar em frente a sua residência, no exato momento em que sua casa estava sendo apedrejada, sendo isso o suficiente para ele desconfiar desse morador. Meses depois, em conversa com Antonio Horta, este procurou desfazer esse mal-entendido, alegando que Germano era um homem respeitador, certamente incapaz de semelhante ação. Após essa conversa, admitiu ter sido injusto no julgamento que fez sobre Germano, lembrando-se que ele havia se retirado do povoado e que nesse período não haviam cessado os apedrejamentos.

Ao retornar da viagem, foi informado pela senhora Gêrvasia de que no mesmo dia em que ele e seu acompanhante partiram rumo à capital, a perseguição sobre a família intensificou-se. Comentou que a moça auxiliar do lar foi o maior alvo do “ágil apedrejador”, ao tomar conhecimento desse fato, recomendou à esposa exercitarem a paciência e a coragem, talvez, como forma de pensarem melhor. Ressaltando que não convinha pensar na possibilidade de nova mudança de endereço, registrou: *“eu queria convencer-me da existência do sobrenatural, embora tivesse provas sobejas”*. Mesmo diante da observação das manifestações espirituais, continuava obstinado a não aceitar o fato já claramente demonstrado, anotou: *“continuei no meu posto de honra, sempre alerta e calmo, observando cada vez mais coisas estupendas...”*.

As manifestações continuaram. Antonio Barboza relatou a aflição de um de seus filhos, que acordou alta hora da noite chorando, pedindo o objeto que dizia terem lhe furtado, e logo em seguida o tal objeto caiu-lhe aos pés. Outro filho despertou queixando-se de que lhe haviam atirado torrão de barro e correu assombrado pela casa. A auxiliar do lar passou a ser perseguida em pleno dia, punhados de terra eram atirados no seu prato de comida, fato que se repetiu inúmeras vezes. Ao relembrar dessas ocorrências, Barboza cita em seus escritos o caso do vulto de um homem, visualizado por ele, várias vezes em estado de vigília, comentando: *“sinal evidente de perseguição, sempre que cessavam as pedradas”*.

2.7. RECORRENDO À PRECE

Nesse estado de desesperação e almejando descansar daquele tormento, a senhora Gêrvasia solicita-lhe: *“mandar rezar uma missa”*, lembrando-lhe: *“do efeito da reza”*. Barboza informa: *“para não contrariar e mesmo por experiência, prometi em alta voz”*. Percebeu que ao falar isso houve uma trégua das investidas até a chegada de um sacerdote vindo de Manaus, possivelmente há muito esperado pelos fiéis daquele vilarejo. Entretanto, ele não havia ainda mandado *“rezar a missa”*. Exatamente no dia da partida desse sacerdote recomeçaram os arremessos de pedras e torrões de barro, Barboza expressou que as pedras e torrões *“choviam dentro de casa”*.

Extasiado por esse fato especial, Antonio supostamente admitisse haver explicação para aqueles fenômenos, talvez pensasse que não estavam diante de uma derrogação das Leis da Natureza. Mas, por outro lado parece não saber como dar uma explicação satisfatória ao que era ali observado, dizendo-se *“já inclinado a acreditar no sobrenatural”*. A senhora Gêrvasia lhe fez novo pedido. Dessa vez, tratava-se de ter *“uma imagem do crucificado em casa”*, *diante da qual fosse possível rezar “todos os dias”*. Após ter conseguido a imagem do Cristo, esta foi colocada sobre uma mesa no cômodo utilizado pelo casal, local onde normalmente eram apedrejados. Percebendo que após a aquisição dessa imagem *“pelo que quer que fosse o apedrejador respeitou o lugar, porquanto só atirava uma ou outra pedrinha, no corredor ou em um quarto, de dia ou de noite, em qualquer que saísse”*.

2.8. A BUSCA DE RECURSO ESPIRITUAL

Suspeitando de que o “*invisível hospede*” não havia desistido de suas investidas, pela primeira vez Barboza recorreu à ajuda espiritual, prometendo mandar “*rezar uma missa*”. Para cumprir com o prometido, aproveitou a visita do Bispo Dom Antonio de Macedo Costa, vindo do Estado do Pará, visitando a Freguesia de Moura, em viagem pastoral pelo Rio Negro.

Na véspera da chegada de Dom Macedo Costa ao vilarejo, por volta das 7h da noite, a residência dos Barboza foi atacada com barro e capim, atirados “*perpendicularmente*” sobre as pessoas. Essa agressão foi por ele interpretada como um “*sinal ou aviso*” do “*ágil apedrejador*”. Porém, dessa vez ele agiu de conformidade com o que havia prometido.

No dia seguinte à chegada do Bispo, sem perda de tempo, a pedido de Barboza a “*missa foi dita*”, reinando a paz naquele lar por alguns dias. Nesse ambiente, momentaneamente harmonioso, o casal que prestava serviços domésticos a família, celebraram sua união de casamento, continuando a morar juntos com a família, que retornou à Manaus, para uma breve temporada nessa capital.

A família, tempo depois, retorna à Freguesia de Moura, por volta do ano de 1883, ocupando um novo endereço. Nessa fase, julgavam que a importunação por eles sofrida não mais aconteceria. Após se passarem alguns dias, as crianças voltaram a se queixarem de que estavam sendo furtados os objetos por eles guardados e depois atirados de volta sobre eles. O casal de trabalhadores também passou a queixar-se de que as portas dos cômodos eram fechadas e escoradas firmemente, mas em seguida as escorras se desprendiam repentinamente. Enquanto isso, eles revistavam os ambientes da casa que procuravam manter sempre iluminada e nada encontravam.

Numa determinada noite de “*lunar claríssimo*”, por volta das 22hs, a jovem senhora auxiliar embalava uma criança na rede, quando de repente ouviu-se por três vezes consecutivas, uma forte pancada na janela próximo onde ela se encontrava. Imediatamente Barboza se levantou para examinar o que estava ocorrendo, encontrando a jovem senhora com semblante triste. A senhora havia interpretado o fato como um aviso de mau agouro, pois seu esposo se encontrava em Manaus e pensou que talvez houvesse morrido.

Apreensivo com o estado em que se encontrava a jovem senhora, a convidou a pernoitar no quarto ocupado pela família, acomodando-a em uma cadeira. Entretanto, ela não conseguia relaxar, por encontrar-se muito assustada. Logo em seguida, ela começou a ser jogada para fora do lugar em que se encontrava. Passado esse momento, sentou-se e todos viram uma cadeira sendo arrastada para o interior do quarto, quando então Barboza relata que “*levantamos e a colocamos no seu lugar e cessou*” o arrastamento.

2.9. FIRMEZA DE CRENÇA EM UM SER INVISÍVEL

No dia seguinte, voltaram às investidas, “*o que quer que fosse que a princípio nos jogava objetos estranhos, entrou a jogar os de casa e de certo modo extraordinário*”. Se uma pessoa de supetão se lembrasse de um objeto que houvesse guardado em algum lugar, não precisava procurar porque imediatamente o objeto lhe era arremessado.

Nessa oportunidade, Barboza aproveitou o objeto de um de seus filhos, que foi jogado e relatou: “*apanhei-o, me dirigi a um quartinho, depusitei-o sobre um banco e disse: leve isto*” arremessou e ficou observando. E, num piscar de olhos, o objeto desapareceu. Por três vezes diversos objetos foram devolvidos na presença de familiares e alguns curiosos. Dessa vez, os fenômenos ocorreram somente

durante o dia, deixando a família *“felizmente”* descansar a noite. Na oportunidade, Antonio registrou: *“desse dia em diante, foi que principiei a crer firmemente na existência de um ser invisível e superior”*.

A época, é provável serem raras as visitas dos representantes da igreja católica aos vilarejos localizados nos rios da Amazônia. Em Freguesia de Moura, talvez não fosse diferente. Ressalta Barboza que aproveitou a visita de um padre que por ali passava e solicitou-lhe *“rezar uma missa”*, no que foi prontamente atendido. Logo após esse evento, constatou que a paz almejada se fez pela terceira vez no lar até então atormentado.

A família Barboza que nos anos de 1882-1883 vinha intercalando residência ora em Manaus, ora em Freguesia de Moura, uma vez mais se muda para Manaus, e continuou sofrendo as investidas espirituais, conforme relata Barboza: *“onde ultimamente temos sido de alguma forma perseguidos”*.

3. ANÁLISE DO CASO

3.1. DIVULGAÇÃO PELA IMPRENSA

Esses fenômenos insólitos registrados na localidade Freguesia de Moura, no final do século XIX, constam do relato pessoal deixado por Antonio José Barboza, datado de 11 de abril de 1884. Essas manifestações, denominadas por ele de *“Facto Misterioso”*, ganhou notoriedade no Jornal Diário de Belém, transcrito pela revista *“Reformador”*, dois anos após a ocorrência dos fatos. Por enquanto, não se conhecem os trâmites dessa notícia até o jornal nem quem a tenha encaminhado. Supostamente, algum adepto ou simpatizante da Doutrina Espírita, morador, visitante ou amigo tenha tomado conhecimento do caso e encaminhado àquele periódico.

3.2. REPERCUSSÃO NA REGIÃO DO RIO NEGRO

Os fatos ocorridos na residência do Tenente Barboza despertou a curiosidade de muitos ribeirinhos espalhados na calha do Rio Negro. Entre esses, um em especial consta no relato de Antonio Horta. Trata-se de um dos passageiros que viajava a bordo de um dos vapores que fazia linha regular naquela região. O cidadão demonstrou interesse em obter maiores informações acerca dos fenômenos. Informa Antonio Horta: *“contei-lhe o que tinha sucedido por espaço de muitos meses e de tudo quanto se lançou mão para o descobrimento desse segredo”*. Após prestar-lhe os esclarecimentos, *“disse-me ele: eu só acreditaria se visse”*. Sem dúvida, outras pessoas foram despertadas para a realidade do mundo espiritual, após a constatação dos fenômenos que se produziram naquele vilarejo; entre essas, o próprio Antonio José Barboza.

3.3. PESSOAS QUE TRATARAM DO FATO

3.3.1. Antonio José Barboza

Antonio José Barboza, militar do Exército Brasileiro, que por volta do ano de 1895 recebeu a patente de Capitão Honorário e nesse mesmo ano a de Major Honorário, pelos relevantes serviços prestados à nação brasileira, por ocasião da Guerra do Paraguai.

No decorrer do seu relato sobre o *“Facto Misterioso”*, ressalta: *“não pude chegar a um resultado, devido aos meus, que me pediam que não continuasse, porque poderia enlouquecer [...]”*. Naturalmente, todos se sentiam incomodados, por não conseguirem deter as investidas do ágil apedrejador.

Após registrar as aflições enfrentadas por ele e familiares no processo das manifestações mediúnicas de fenômenos físicos, deixa-nos significativa reflexão: *“imagine o leitor os tormentos que passou minha família, as noites de vigílias, o terror com que se achava possuída, vendo objetos desaparecerem, jogados sem se saber explicar como”*.

Declara ainda: *“se eu, leitor, historiar o fato tal qual se deu, com todos os seus pormenores, não me sobraria tempo, além disso, deram-se coisas estupendas, que sou obrigado a ocultar para não cair no descrédito público”*.

Antonio Barboza, ao lidar com o caso foi extremamente prudente, procurando deixar registrado somente as ações do ágil apedrejador que poderiam ser naquele momento aceito sem alarde.

Não se tem conhecimento ao certo quando esse valoroso trabalhador do Cristo se tornou espírita. Entretanto, pesquisadas realizadas por companheiros de ideal espírita, visando à elaboração de artigos para apresentação em simpósios, realizados no âmbito da Fundação Allan Kardec/FAK, constata-se esse destemido trabalhador, prestando relevantes contribuições em prol do Movimento Espírita no Amazonas. Em 1882-1883, registra as primeiras manifestações de efeitos físicos ocorrido no Amazonas; 1901, comparece ao lado de outros pioneiros, como um dos membros fundadores da Sociedade de Propaganda Espírita; 1904, aparece como membro integrante do grupo de pioneiros fundadores da Federação Espírita Amazonense-FEA; coordena a primeira reunião preparatória da FEA; assina a ata de fundação da FEA, na qualidade de presidente do Grupo Caridade e Indulgência; integra várias Comissões de Trabalho junto à Federativa; atua por determinado tempo como orador oficial nas reuniões comemorativas da FEA; 1910, é eleito Vice-Presidente da FEA, ao lado de outro pioneiro, João Antonio da Silva. Sua trajetória pessoal, profissional e dedicação ao Espiritismo, pode ser consultada em sua biografia, apresentada por nossa companheira de ideal espírita Lenara Nunes [9].

3.3.2. Antonio de Oliveira Horta

Presenciou vários apedrejamentos, envolvendo a família Barboza, no período de junho de 1882 a fevereiro de 1883, ano da chegada do Bispo Dom Antonio de Macedo Costa à Moura. Defendeu Germano Azevedo da acusação que lhe foi imputada no caso dos apedrejamentos. Afirmou ter lido no Diário de Belém o fato ocorrido em Freguesia de Moura. Ressaltou não ser o primeiro do seu conhecimento, informando ter lido sobre outro fato semelhante, acontecido na cidade de Nápoles, na Itália. Destacou *“[...] presenciei em sua casa, não uma, mas muitas vezes, acompanhado de diversas pessoas, que a curiosidade conduzia para ver e admirar esse mistério, que até hoje não posso esquecer-me dele, pela sua origem e o modo porque obra”*. Antonio Horta, assinou documento como testemunha do fato ocorrido com a família Barboza, em Moura, em 4 de julho de 1883.

3.3.3. Camilo Gonçalves de Oliveira Mello

Foi vizinho da família Barboza, morava na casa ao lado, dividindo parede. Testemunhou os fenômenos ocorridos na residência dos Barboza nos meses de dezembro de 1882 a março de 1883. Registrou: *“atento a nossa amizade por muitos anos, fui por vezes testemunha ocular da constante perseguição que ali sofreu V.S, e que muito o ajudei a investigar a verdade, sem nunca descobrir coisa alguma”*. Reiteradamente dialogava com Barboza, procurando entender o porquê da trégua das manifestações, constatada após a chegada do Bispo Antonio Macedo da Costa naquela localidade. Em seu importante relato, mencionou: *“Apenas me limitarei a dizer que é impossível que a mão humana, seja capaz de fazer coisas tão extraordinárias de dia ao alcance de todos sem poder ser descoberta”*.

Horta encerra suas informações sobre o caso, destacando: *“felizmente dispõe V. S., de muitas testemunhas de vista e o povo desta Freguesia que de todo está pronto a atestar a verdade quando for preciso”*. Assinou documento como testemunha do fato ocorrido com a família Barboza, em Moura, em 5 de julho de 1883.

3.3.4. Manuel Alves de Mello

Declarou ter presenciado os fatos ocorridos na residência dos Barboza na manhã do dia 7 de setembro de 1883. Descreveu a cena por ele presenciada envolvendo a senhora Gervasia Dias Barboza. Parecendo homem de poucas palavras, relatou após presenciar em algum o momento as manifestações espirituais ocorridas na residência da família Barboza: *“V.S., mandando-me chamar em nossa casa, a toda pressa fui e chegando na de V.S., entrei e sentei-me em uma cadeira e “olhando para o outão da casa, ao lado norte, vi sair uma pedra da racha da parede e cair no chão, com espaço de cinco minutos saiu outra do frechal e bateu na cabeça da senhora de V. S, que ficou com os cabelos cheios de barro”*. Finalizou seu relato expressando: *“nada mais sei e estou pronto a justificar o que vi em qualquer tribunal a que for chamado”*. Assinou documento como testemunha do fato ocorrido com a família Barboza, em Moura, em 9 de novembro de 1883.

3.3.5. Manuel Antonio de Araújo

Presenciou o lançamento de pedras de todo tamanho, torrões de barro seco e punhados de areia e terra, que eram atirados sobre as pessoas. Observou que nos intervalos dos arremessos das pedras, torrões de barro seco eram atirados com muita força, chegando alguns a se fragmentar. Punhados de areia, terra e pedras eram lançados em todas as direções, uma das pedras atingiu um candeeiro, um espelho e vários objetos que se despedaçaram. Comentando sobre o fato, informa que houve no seu entendimento uma *“verdadeira explosão”*.

Sentindo-se aterrorizada pelo que presenciaram, a família Barboza aceitou o convite para pernoitar na residência do professor Joaquim Nolasco de Oliveira, enquanto Nolasco, o trabalhador doméstico e um praça do destacamento militar permaneceram no local. Logo após, afirmou ter visto *“passar uma sombra de um ponto ao outro do interior da casa”*. Distinguindo ser o vulto de um homem, tentou descobrir de quem era. Levantou-se e suspendeu a cortina e nada viu, apanhou um lampião e junto com o trabalhador doméstico revistou todos os quartos e janelas que se mantinham fechadas, nada encontrando. Assinou documento como testemunha do fato ocorrido com a família Barboza, em Moura, 7 de outubro de 1883.

3.3.6. Joaquim Nolasco de Oliveira

Presenciou os fatos ocorridos na residência dos Barboza na noite de 13 de setembro de 1883, destacando que foi convidado por Antonio Barboza a testemunhar os fenômenos dos quais ele duvidava. Descreve que pouco tempo após a sua chegada, viu cair sobre os móveis pequenos torrões de barro nas cores preto e vermelho, enquanto pedras eram arremessadas com muita força do outão da casa, da alcova e varanda e *“cresciam em tamanho”*. Parecendo que eram dirigidas para não tocar nas pessoas, o torrão de barro enxuto pregava na parede também enxuta, tal a força com que era atirado. Observou partir, por de trás da cortina da porta da varanda, um pequeno torrão que veio tocar em sua região dorsal. Confessou desconfiar da realidade do que via. Pode observar que muitas pedras caíam num lugar e sobre um baú onde a jovem senhora que auxiliava a família se encontrava sentada.

Ressaltou Nolasco: *“assombrados do horrível drama que acabávamos de presenciar”*, resolveu retornar a sua residência, levando em sua companhia a família Barboza.

Quando se encontravam há pouca distância da porta, ouviram os gritos do sr. Manuel Araújo e do rapaz que auxiliava a família Barboza, informando que *“viram passar pela varanda, através da cortina transparente, uma sombra, como um vulto de um homem”*. Logo em seguida, os dois homens saíram em busca de identificar o tal vulto, percorreram toda a casa, sem nada encontrar. Destaca Joaquim Nolasco ter tido informações que, após a retirada da família e da passagem da sombra, cessaram as pedradas.

Finalmente, registra Nolasco sobre a causa das pedradas: *“desconheço-a e nem entro na apreciação dela, por ser para mim misteriosa”*. Assinou documento como testemunha do fato ocorrido com a família Barboza, em Moura, 15 de setembro de 1883.

3.3.7. Dom Antonio Macedo da Costa

Na história do surgimento do Espiritismo no Amazonas, esse vilarejo de Moura, se destaca por representar a localidade que serviu de base para a divulgação da atuação das primeiras manifestações espirituais, ocorridas neste Estado.

Esse antigo vilarejo recebeu a visita de inúmeras pessoas, entre elas Dom Antonio de Macedo Costa, *“um dos maiores vultos do Episcopado Imperial”*, foi um dos professores de Ruy Barbosa, no Ginásio Baiano, dirigido pelo Dr. Abílio Cesar Borges (Barão de Macaúbas), segundo informa câmara [10].

Importante mencionar, que Antonio Barbosa, Antonio Horta e Manuel de Mello, ao fazerem seus relatos sobre os fenômenos por eles presenciados naquela localidade, mencionam a presença desse ilustre representante da igreja católica na Freguesia de Moura no ano de 1883.

4. APRENDIZADOS

Ao escrever este artigo, busquei conhecer as primeiras manifestações dos Espíritos nos primórdios do Espiritismo no Amazonas. Identificando o relato do Facto Misterioso, destacado na revista Reformador, procurei manter a fidelidade ao relato deixado pelo pioneiro Antonio José Barboza e demais testemunhas do fato. Após fazer uma leitura mais detalhada sobre as circunstâncias em que se deram os fatos, percebi um conjunto de desafios enfrentados pela família Barboza, os quais foram enfrentados com prudência, fidelidade, respeito, coragem, resiliência, perseverança. Hoje entendo melhor a importância de conhecer o trabalho missionário desses irmãos nos primórdios do Espiritismo no Amazonas, reconhecendo o quanto tenho necessidade de vivenciar tais virtudes para o meu crescimento espiritual.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as pesquisas realizadas, observou-se na residência do Tenente Antonio Barboza a manifestação mediúnica dos Espíritos através dos fenômenos de efeitos físicos – arremesso de pedras com algumas aumentando de tamanho, torrões de barro, punhados de terra, barro misturado com capim, pancada na parede, deslocamento de cadeiras, aparição de vulto.

Observa-se que o “ágil apedrejador” planejava suas ações; as ações cessavam com os arremessos dos objetos após as preces proferidas pela família; O “ágil apedrejador”, quando solicitado, respondia a um pensamento e continuou acompanhando a família, não se sabendo até quando.

Bispo e padres, em visita pastoral na região, certamente tomaram conhecimento do caso; entretanto, Barboza não registra qualquer intervenção por parte desses religiosos. Não deram importância ao caso ou procuraram manter silêncio, respeitando a compreensão dos moradores sobre os episódios envolvendo a família Barboza.

Ressaltamos que Antonio Barboza, mesmo sem possuir conhecimento sobre os princípios básicos da Doutrina Espírita, encontrou motivação na análise do caso, prosseguindo destemidamente, como devem caminhar aqueles que confiam na providência divina, tornando-se mais tarde um dos pioneiros espíritas no Amazonas.

A notabilidade dos fenômenos espíritas ocorridos no lugarejo do Rio Negro no Amazonas, vinte e cinco anos após o lançamento de O Livro dos Espíritos, destaca o trabalho dos Espíritos na divulgação da Doutrina Espírita, assinalando a chegada dos primeiros tarefeiros incumbidos da implantação do Espiritismo neste Estado.

Rogamos a Jesus as suas bênçãos a envolver cada um dos pioneiros, onde quer que se encontrem neste momento. Nossa gratidão em especial a Antonio José Barboza pelas relevantes contribuições ao Espiritismo nascente e ao Movimento Espírita em terras amazônicas.

6. REFERÊNCIAS

- [1] FEB. *Revista Reformador*. Rio de Janeiro, 15 de junho de 1884, p. 4-5.
- [2] RODRIGUES, João Barbosa. *Rio Jauapery - pacificação dos Crichanas*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1885, p. 29.
- [3] JOBIM, Anísio. *O Amazonas, sua história - ensaio antropogeográfico e político*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1957, p. 58-59.
- [4] REZENDE, Tadeu Valdir Freitas. *A conquista e ocupação da Amazônia brasileira no período colonial: a definição das fronteiras*. 2006. Tese de Doutorado em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006. p. 251.
- [5] RODRIGUES, João Barbosa. *Rio Jauapery - pacificação dos Crichanas*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1885, p. 30.
- [6] *Ibidem*. p. 31.
- [7] JOBIM, Anísio. *O Amazonas, sua história - ensaio antropogeográfico e político*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1957, p. 195.
- [8] RODRIGUES, João Barbosa. *Rio Jauapery - pacificação dos Crichanas*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1885, p. 11,14.
- [9] NUNES, Lenara. *V Simpósio FAK: conquistas e atualização em seu programa de pesquisas*. In: IV Simpósio FAK: Antonio José Barboza: o nobre militar que se tornou pioneiro do Espiritismo nas terras amazônicas, 2017.
- [10] CÂMARA, Fernando (Do Instituto do Ceará). Dom Antonio de Macedo Costa- um modelo para o Episcopado do Brasil.